

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

27



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2018



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa),
Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Luís Manuel de Araújo (University of Lisboa)

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Ana Catarina Almeida, André Campos Silva, Catarina Pinto Fernandes, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Ortográfica | Proofreading

Catarina Pinto Fernandes, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Ana Travassos Valdez (Universidade de Lisboa), António Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Soana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Chwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Loprieno (Universität Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Josep Padró (Universitat de Barcelona), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico)

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Alejandro Valverde Garcia (IES Santísima Trinidad), Andrew Miller (East Carolina University), Aurélio Pérez Jimenez (Universidad de Málaga), David Soria Molina (Universidad de Murcia), Francisco Salvador Ventura (Universidad de Granada), José Virgílio García Trabazo (Universidad de Santiago de Compostela), Glória Braga Onelley (Universidade Federal Fluminense), Gustavo Vivas García (Universidad de La Laguna), Juan Luis López Cruces (Universidad de Almería), Luísa de Nazaré Ferreira (Universidade de Coimbra), Marta Várzea (Universidade de Coimbra), Matteo Vigo (Akademie der Wissenschaften und Literatur Mainz), Nadine Guilhou (Université Paul Valéry), Paulo Simões Rodrigues (Universidade de Évora), Rafael Cejudo Gale (Universidad de Cádiz), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Rui Morais (Universidade do Porto), Victoria Emma Pagán (University of Florida)

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2018

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013 and UID/HIS/04311/2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 "SEÑOR DE LOS ANIMALES" Y NÚMENES HÍBRIDOS INDOEUROPEOS:
Algunos apuntes para su reconstrucción

"LORD OF THE ANIMALS" AND INDO-EUROPEAN HYBRID NUMINA:

Some notes for their reconstruction

José Virgilio García Trabazo

- 29 RETOS Y AMENAZAS DE LA ADMINISTRACIÓN MUNICIPAL EN EL
OCCIDENTE ROMANO DURANTE EL ALTO IMPERIO:
El caso hispano

*CHALLENGES AND THREATS FACED BY MUNICIPAL ADMINISTRATION IN THE
ROMAN WEST DURING THE HIGH EMPIRE:*

The Hispanic case

Javier Andreu Pintado

47 ESTUDOS

ARTICLES

- 49 EROTISMO DIVINO E CRIMINALIDADE SEXUAL NO HATTI
DIVINE EROTICISM AND SEXUAL CRIMINALITY IN THE LAND OF HATTI

João Paulo Galhano

- 77 ESTADO DA ARTE E CONTRIBUTOS DA TEORIA LITERÁRIA PARA O
ESTUDO DOS VASOS GREGOS DE FIGURAS
(sécs. VI - IV a.C.)

*STATE OF ART AND CONTRIBUTIONS FROM LITERARY THEORY TO THE RESEARCH
OF GREEK FIGURED POTTERY*

(6th - 4th cent. BCE)

Ana Rita Figueira

- 101 O INSUCESSO DA PRIMEIRA FILÍPICA DE DEMÓSTENES
THE FAILURE OF DEMOSTHENES' FIRST PHILIPPIC

Elisabete Caçõo

- 115 AS FINANÇAS PÚBLICAS DE ROMA APÓS A 2ª GUERRA PÚNICA
Algumas considerações sobre As obras De Tenney Frank e Phillip kay
THE ROMAN STATE FINANCE AFTER THE 2ND PUNIC WAR
Some remarks on The Works of Tenney Frank and Phillip Kay

Filipe Carmo

- 133 POMPEI, CASA DI SIRICO. PROPOSTE DI LETTURA DEGLI AFFRESCHI
MITOLOGICI DEL TRICLINIO 8 E DELL'AMBIENTE 34:
Due episodi dell'Eneide come espressione di evasione e amore
POMPEII, SIRICUS'S HOUSE. INTERPRETATIONS OF THE MYTHOLOGICAL FRESCOES
IN THE TRICLINIUM 8 AND THE ROOM 34:
Two Aeneid's episodes as an expression of relaxation and love

Paolo Quaranta

- 171 COMETAS, HOMERO E A VANGLÓRIA DE CRISTO.
Texto e contextos de AP 15.40
COMETAS, HOMER, AND THE VAINGLORY OF CHRIST.
Text and contexts of AP 15.40

Carlos Martins de Jesus

- 199 LA RECEPCIÓN CINEMATOGRAFICA DE ULISES
THE CINEMATOGRAPHIC RECEPTION OF ULYSSES

Óscar Lapeña Marchena

213 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

- 215 O JUDAÍSMO PORTUGUÊS NA LINHA DAS RELIGIOSIDADES IBÉRICAS
PORTUGUESE JUDAISM WITHIN IBERIAN RELIGIOSITIES

José Augusto Ramos

223 RECENSÕES

REVIEWS

289 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES

COMETAS, HOMERO E A VANGLÓRIA DE CRISTO.

Texto e contextos de AP 15.40

COMETAS, HOMER AND THE VAINGLORY OF CHRIST.

TEXT AND CONTEXTS OF AP 15.40

Carlos A. Martins de Jesus

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Universidade de Coimbra

carlosamjesus@gmail.com |  <https://orcid.org/0000-0002-8723-690X>

proposta: 13/11/2017 | aceitação: 06/06/2018
submission acceptance

Resumo

O presente artigo lança o olhar sobre o epigrama 40 do livro XV da *Antologia Grega*, atribuído a Cometas, ilustre Gramático da Constantinopla da segunda metade do século IX. Por via da sua análise literária e da exploração de seu contexto epocal, reflete-se sobre a técnica poética do homerocentão e a sua receção tardia nesse período, a partir de um exemplo imperfeito desse género. Igualmente, buscam-se no texto as marcas que podem ter justificado a sua condenação por parte da ortodoxia contemporânea, bem como se reflete sobre o preconceito que o género poético a que pertence sofreu ao longo de mais de dez séculos.

Palavras-chave

Cometas | Lázaro | Homero | homerocentão | híper acomodação semântica

Abstract

This paper focuses on epigram number 40 of book XV of the *Greek Anthology*, ascribed to Cometas, the illustrious Constantinopolitan Grammarian from the second half of the ninth century. By means of its literary analysis and the inquiry of its context, it reflects on the poetic technic of the homerocento and its late reception in that period, even if from an imperfect example of that genre. Furthermore, it looks for the aspects that might have justified its condemnation by contemporary orthodoxy, as well as on the prejudice suffered by the entire poetic genre during more than ten centuries.

Keywords

Cometas | Lazarus | Homer | homerocento | semantic hyper-accommodation

Texto e contexto literário

De Cometas, autor da reescrita, em 57 hexâmetros datílicos, da ressurreição de Lázaro que este trabalho comenta (*AP* 15.40 = **Anexo A**), sabemos que terá sido um prestigioso e reputadíssimo gramático de Constantinopla da segunda metade do séc. IX.¹ Ele que, se é correto atribuir caráter autobiográfico aos números 36-38 do livro XV da *Antologia Grega*, foi também autor de uma edição em minúsculas e pontuada dos Poemas Homéricos, com a qual, nas suas palavras, esses dois poemas épicos foram “rejuvenescidos”.² No que a *AP* 15.40 diz respeito, exemplo tardio e impuro do gênero dos *homerocentones* cristãos (vd. a secção seguinte), compõe um verdadeiro pastiche de fórmulas e mesmo versos Homéricos completos para descrever aquele que constitui o derradeiro milagre de Cristo antes da sua prisão e condenação, marco central no percurso de salvação.

O epigrama está cravejado de desobediências à métrica e ao estilo do hexâmetro Homérico que programaticamente segue, a ponto de A. Cameron o

1 Floyd 1999, 183; Prieto Domínguez 2009, 228. *Contra* Aubreton (1969) situa o poeta no século X – época de esplendor da Escola de Magnaura na qual foi professor –, uma datação no global abandonada. Não deve confundir-se este Cometas (dito “Gramático”) com o homónimo epigramatista de meados do século VI, dito “o Cartulário”, autor de *AP* 5.265 e 9.586, e a quem costuma também atribuir-se *AP* 9.597.

2 Para a reconstrução do que teria sido o trabalho de edição de Homero levado a cabo por Cometas, Baldwin 1985; Cortassa 1997.

ter considerado “perhaps the single most unmetrical poem in the *Anthology*”,³ estranhando que tenha sido composto por um tão reputado estudioso e editor de Homero. Desde logo, como argumenta o último crítico, porque os números 36-38 que lhe são atribuídos no mesmo livro da *Antologia* são qualitativamente superiores, nas suas palavras “rather better than much of the other ninth- or tenth-century work included in *AP XV*”.⁴ A hipótese que sugerimos é simples: que o epigrama sobre a ressurreição de Lázaro fosse uma obra de juventude que só bastante mais tarde Cometas tornou pública, ao passo que os demais seriam reflexões tardias de um poeta que acumulara já anos de experiência filológica com Homero, parte, quem sabe, do testamento poético de um indivíduo que, entre outros logros de que não temos notícia, ocupara a cátedra de Gramática na recém-fundada escola do Palácio de Magnaura, algures nos anos em que a dirigiu Leão o Matemático (855 – 866).⁵

Todo o livro XV da atual numeração da *Antologia Grega* constituiu um apêndice ao *Palatinus* (doravante designado apenas de **P**) e, assim se crê, também à recolha que Céfalas concluiu antes do ano 900, florilégio que não conservamos no original, mas que constituiu a principal fonte manuscrita da *Antologia*. Nomes como os de Aretas, Cometas ou Leão o Filósofo, alguns dos autores representados nesse livro, são na realidade contemporâneos do protopapa de Constantinopla, anteriores o suficiente, pelo menos, para que circulassem já em coletâneas ou edições autorais que pudessem ter sido consultadas por Céfalas aquando da elaboração do seu florilégio. Em concreto, sabemos por exemplo da data do número 15, composto por Constantino Ródio para a dedicatória de uma cruz erguida em Lindos (912/913), pelo que se tem preferido considerar que também a recolha manuscrita de Céfalas recebeu acréscimos posteriores pela mão de outro copista, sem o que este epigrama não poderia ter sido copiado. Em termos paleográficos, há muito se concluiu que os livros XIII-XIV haviam sido já copiados em **P** por outras mãos que não as do escriba A, o mais antigo dos vários copistas (anónimos) que transcreveram o trabalho de Céfalas, cerca de cem anos passados sobre a sua primeira redação.⁶ No

3 Cameron 1993, 309.

4 Cameron 1993, 310.

5 Isso informam os testemunhos de Génésio e *Theophanes continuatus*. Lemerle 1971, 166-167; Varona Codeso 2009, 151-152.

6 Para uma explicação mais demorada destes dados, Buffière (1970) 2002, 103-108.

caso do livro XV, a análise paleográfica atribuiu os quaterniões 42-44 – onde os epigramas de Cometas (*AP* 36-38, 40) vêm copiados – aos copistas designados **J** e **B**², dado relevante para o entendimento de *AP* 15.40, na medida em que o mesmo escriba **J** que o copiou⁷ se permitiu acrescentar, em jeito de comentário a emoldurar graficamente a composição, os seguintes trímetros iâmbicos:

ἄκοσμα ταῦτα τοῦ Κομητᾶ πάντ' ἔπη.
 Κομητᾶ, Θεροσίτης μὲν ἦσθα· πῶς δὲ γε
 Ἄχιλλέως πρόσωπον εἰσέδους, τάλαν;
 ἄπαγε ταῦτα τῆς ἁμούσου καρδίας
 καὶ βάλλε γ' ἐς κόρακας ἢ κυφῶν ὕπερ
 τὰ κοπρίας γέμοντα σαθρίαν ἔπη.⁸

Sem sentido são todos estes versos de Cometas.

Cometas, eras um Tersites! Então porque raio foste dar-te ares de Aquiles, meu desgraçado? Afasta essas coisas do teu espírito sem Musas e manda aos corvos ou para trás das costas estes versos apodrecidos repletos de esterco.

Não faltaram, ao longo de mais de dez séculos – entre o comentário de **J** (provavelmente de meados do século X) e as apreciações com ele concordantes de editores e tradutores como Paton, Beckby e Buffière⁹ – palavras de desmerecimento em relação à reescrita de Cometas. Ao que pudemos averiguar, apenas Floyd¹⁰ lhe dedicou opinião mais favorável, respondendo de forma moderadamente positiva à questão com que intitula o ponto 9 do seu estudo (“Should we reassess Cometas as poet?”). Há, porém, que atribuir relativa razão a Prieto Domínguez quando afirma que o poema, mais do que pela sua forma métrica imperfeita ou pelas várias estranhezas textuais que contém, sofreu as agruras de **J** devido ao que se considerava, ao tempo deste, a ideologia pagã do texto.¹¹ A ser assim – algo que não negamos, mas recusamos ser a única motivação do comentário iâmbico –

7 Há talvez que mencionar que o epigrama, pese embora o desfavor crítico que mereceu da parte do copista, não foi copiado marginalmente ou sem cuidado. Com efeito, está escrito com letra clara e de bom tamanho, ocupando os fólhos 46f-v do *Parisinus Graecus Suppl.* 384 (660f-v da numeração contínua de **P**).

8 Texto conforme a edição de Buffière (1970) 2002, 147.

9 Paton 1918, 148-149; Beckby 1958, 550; Buffière (1970) 2002, 115, 147. Para uma análise conjunta destas opiniões desprestigiantes, Floyd 1999, 183-184.

10 Floyd 1999, 195-197.

11 Prieto Domínguez 2009, 229.

haveria que buscar no epigrama indícios dessa fuga à heterodoxia religiosa, aspeto sobre o qual nos debruçaremos adiante. Não obstante, convence uma vez mais a explicação de Cameron, para quem o copista **J** – por ele identificado com o já referido Constantino Ródio¹² – seria temporalmente próximo de Cometas e teria baseado o seu ataque em questões mais pessoais.¹³ Entre as possibilidades, sugere Cameron que os iambos que transcrevemos procurassem ser uma crítica ao trabalho editorial de Homero de que falam *AP* 15.36-38;¹⁴ uma farpa da autoria de um discípulo ou professor da Escola da Nova Igreja, a escassos metros da Escola do Palácio de Magnaura, para cuja cátedra de Gramática Cometas fora nomeado por Leão o Filósofo, algures entre 855-866.¹⁵

Ainda sobre o comentário iâmbico ao epigrama, notou Floyd que **J** faz um uso explícito da fraseologia Homérica, em especial da caracterização de Tersites na *Iliada*.¹⁶ Parece de facto provável que fosse seu propósito criticar, por via do mesmo recurso poético (o uso do verso Homérico), o trabalho de Cometas, como quem, ao mesmo tempo que critica, ensina *como se faz*. Lidamos, numa palavra, com uma poesia mal cotada pelos seus contemporâneos mas, em alguma medida também por isso, impossível de não incluir numa antologia que se quer representativa do epigrama contemporâneo em língua grega, do melhor e do pior, sendo o último o caso de Cometas – como julgariam Céfalas, o copista **J** e, com eles, tantos intelectuais de Constantinopla da segunda metade do século IX.

12 O dado mais concreto que concorre para a datação do *floruit* deste Constantino é a alusão, nas linhas 22-26 da sua *Épfrase da Igreja dos Santos Apóstolos*, ao reinado de quatro imperadores, o que levou os estudiosos a datarem o poema entre 931-944 – isto é, dos últimos anos de governo de Romano (autoproclamado imperador sénior de Constantino VII em 920), que promoveu os seus três filhos a co-imperadores. Para uma biografia de Constantino Ródio, vide Downey 1955, 212-221.

13 Cameron 1993, 309-310.

14 Cameron 1993, 310. Argumenta o autor que a referência aos versos de Cometas como *σθηρίων*, no verso 6 do comentário de **J**, sugere a menção dos versos Homéricos por esse poeta e gramático como *σάπρια* (*AP* 15.36.4), termo para o qual corrige a lição manuscrita.

15 Os anos durante os quais Cometas ocupou a cátedra de Gramática na recém-fundada escola do Palácio de Magnaura (855-866) seriam então o lapso temporal mais provável para a datação não necessariamente de *AP* 15.36-38, mas da edição dos Poemas Homéricos a que se referem esses epigramas. Vide Lemerle 1971, 166-167. Como tal, facilmente se concebe que, na década de 30 ou 40 do século seguinte, o trabalho filológico de Cometas, ao tempo mal cotado, fosse ainda conhecido, utilizado e meritório da má lembrança de Constantino Ródio – para dar razão à identificação de **J** proposta por Cameron (1993, 311). É, assim, desnecessário conceber, como fazia Aubret (1969, 21), que o estilo poético e as falhas métricas dos versos iâmbicos de **J** sejam sintoma de um autor que escrevia já no século XI. Aliás, de novo segundo Cameron (1993, 326), “his [Constantine the Rodian’s] ecphrasis of the Holy Apostles contains hundreds of *false* quantities, just like **J**’s lampoons on Cometas”.

16 Floyd 1999, 198. *Il.* 2.212-214: Θεοσίτης δ' ἔτι μούνος ἀμετροεπῆς ἐκολώσα, / θς ἔπεα φρεσὶν ἦσιν ἄκοσμά τε πολλά τε ἦδη / μάψ, ἀπὸ οὐ κατὰ κόσμον, ἐρίζεμεναι βασιλεῦσιν; lemma **J**: ἄκοσμα ταῦτα τοῦ Κομητᾶ πάντ' ἔπι. / Κομητᾶ, Θεοσίτης μὲν ἦσθα.

A reescrita Homérica dos Evangelhos em Bizâncio

Há que reconhecer razão às palavras de Sandnes, para quem, aos olhos dos autores bizantinos, literatos de formação clássica não formalmente comprometidos com a religião oficial, o texto dos evangelhos era formalmente (i.e. estilisticamente) pouco rico; faltava-lhe – desde logo na medida em que buscava alcançar camadas menos eruditas e aristocráticas do público leitor – métrica e prosódia, muito da riqueza das grandes obras da Antiguidade que constituíam o seu principal instrumento de formação.¹⁷

A Constituição que em 17 de junho de 362 fez aprovar Juliano – o que ficaria conhecido como “apóstata” por esta e outras medidas de luta contra o paganismo – proibiu aos cristãos o ensino de gramática e retórica, alegando a índole pagã dos textos utilizados para o efeito; “se querem ensinar literatura – instituíam – têm a Lucas e Marcos; voltem às suas igrejas e comentem-nos”¹⁸. Dita medida implicava, sem mais, a marginalização da tradição cristã de matriz greco-romana, a negação do valor das gerações de apologistas dos séculos anteriores. Como reação, e para que a mitologia cristã pudesse ser utilizada nas aulas desses mestres de formação clássica, o texto dos Evangelhos foi alegoricamente interpretado (e.g. os comentários dos Doutores da Igreja), reescrito em prosa e em verso (Nono de Panópolis, Cirilo) e, exemplo extremo, recomposto com os próprios versos dos autores antigos (Homero e Virgílio sobretudo), reordenados com não mais do que pequenas adaptações para contarem, com palavras alheias, uma mesma história. Assim surgia o género do centão bíblico e, dentro deste, o subgénero do homerocentão cristão, variante concreta de um género literário muito antigo.¹⁹ Como a própria palavra parece indicar,²⁰ um centão é um *patchwork*, um processo de composição literária com base em versos reordenados (e apenas em alguns casos ligeiramente adaptados) de outra obra; um poema cujo processo de composição, mais do que o seu resultado, é um

17 Sandnes 2011, 24.

18 Apud Brown 1971, 93. Cf. Prieto Domínguez 2011, 66-72.

19 Sobre o género dos centões, pela primeira vez teorizado por Lamacchia (1958, no seu caso centrada no centão latino), vide Prieto Domínguez 2009; 2011, 13-79; Sandnes 2011, 107-124. Para o caso específico dos homerocentões cristãos, vide Usher 1997; Sandnes 2011, 124, 236-243.

20 Tem-se associado a designação do género ao termo latino *cento* (*patchwork* de tecidos), embora também a etimologia grega de *κέντρον* (um pau cravado, uma lança), aludindo ao carácter satírico destes textos no período clássico e imperial, seja possível. Vide Sandnes 2011, 108 e n. 2.

jogo, um exercício de erudição que explora os limites da paráfrase.

O reconhecimento crítico desses textos padeceu de um preconceito desde a Antiguidade até pelo menos a primeira metade do século XX. Ambos teóricos literários antigos e modernos – estes últimos de inspiração romântica – apontavam como seu principal defeito a falta de originalidade, ignorando que era precisamente na sua técnica compositiva de empréstimo que residia o seu mérito, a sua originalidade, no fundo. E também ideologicamente, ao longo de todo o período bizantino, estas composições receberam duras críticas da elite religiosa ortodoxa, que recusava ver as palavras de Deus (mas também as vidas e os milagres dos santos) associadas e maculadas pelas palavras de Homero ou Virgílio, os mesmos que, para os literatos cristãos mais radicais, eram símbolo do paganismo por fim vencido. Basta recordar S. Jerónimo, que sobre estes poemas centonários de assunto cristão dizia serem “*puerilia haec et circumlatorum ludo similia.*”²¹

Pese embora esta desfortuna crítica, temos a sorte de possuir – para nos referirmos apenas aos centões Homéricos de tema cristão, o género a que inevitavelmente remete o já tardio poema de Cometas – pelo menos um exemplar completo ou próximo da completude. Trata-se de um ainda extenso poema em 2344 hexâmetros²² da autoria de Eudócia Augusta, a imperatriz esposa de Teodósio II (imperador entre 404-450) que, entre outras obras,²³ se serviu exclusivamente de versos Homéricos com não mais que ligeiras *acomodações*²⁴ para reescrever²⁵ o mito cristão das origens e a vida de Cristo. Um outro evangelho, no fundo, que poderíamos nomear *segundo Eudócia Augusta* ou mesmo *segundo Homero*, e que, como

21 *Epist.* 53.7.

22 Antes de Usher (1999), o texto só havia sido editado incompleto, desde a edição Aldina de Stephanus (1578) até à Teubneriana de Ludwig (1897). A estas edições, baseadas num único manuscrito (*Paris. Gr. suppl.* 388, séc. X), faltava uma parte considerável do poema, e acredita-se atualmente que o dito manuscrito continha a revisão da Imperatriz sobre uma versão anterior e incompleta, não o estado final da sua obra, que se considera copiada num outro códice (Mt. Athos, *Ivion* 4464), já do século XIII, que acrescenta em dez fólios partes importantes do poema ausentes do códice parisino, entre as quais o episódio de Lázaro (vv. 1228-1299). O texto foi finalmente editado por Schembra (2007), autor que contempla cinco versões do poema (*conscripção prima, conscripção segunda, A, B e I*) e colige a lição de nada menos que 43 manuscritos (datáveis entre os séculos X-XVIII) para editar um texto que, variando ligeiramente a numeração dos versos, na realidade pouco se afasta da anterior de Usher (1999).

23 Sobre a vida e obra de Eudócia, vide Usher 1998, 19-31; Sandnes 2011, 181-228; Sowers 2008.

24 Como abaixo se explica, o conceito operativo de “*accommodation*” é a base de interpretação do poema de Eudócia proposta por Usher 1998, conceito funcional em termos formais e semânticos.

25 Conforme ela própria confessou no prefácio do poema (vide Sandnes 2011, 186-189, com bibliografia), a sua obra consistiu sobretudo na ordenação e conclusão do trabalho iniciado, anos antes, por um tal bispo Patrício, o que desde logo nos fornece dois casos inequívocos da atividade centonária entre as elites da Igreja.

se demonstrará, devia ser do conhecimento de Cometas.

Pelo exposto, em que medida pode *AP* 15.40 considerar-se um homerocentão? Dada a utilização não mais que parcial de hexâmetros homéricos, ele é quanto muito um exemplar tardio e corrupto do mesmo processo poético, mais em voga entre os séculos IV-V. Prieto Domínguez²⁶ refutou a opinião de Hunger,²⁷ que não recolhia qualquer exemplo de centão Homérico entre os séculos VI e XII, apontando os casos de *AP* 9.361 (de Leão o Filósofo, séc. IX), do anónimo *AP* 9.381 e de *AP* 9.382 (centão mitológico da autoria do mesmo Leão, embora ela não venha recolhida no lema).²⁸ Permitem estes epigramas, no mínimo, estabelecer um contexto temporal no qual incluir o poema de Cometas, tempo em que a prática do centão, ainda que em composições mais breves, teria voltado a despontar.

Elucidativos do caso concreto do epigrama de Cometas podem ser *AP* 1.49-51, supostas inscrições reais na base de pinturas religiosas²⁹ que mencionam a figura de Lázaro com recurso a expressões Homéricas. Estes textos, que haveria que situar entre os séculos V e IX,³⁰ provam, senão mais, que a associação literária do último milagre de Cristo ao texto de Homero era, ao tempo de Cometas, uma realidade antiga.

Fontes e técnica compositiva de *AP* 15.40

Os poucos estudos que se debruçaram sobre a versão da história de Lázaro levada a cabo por Cometas em *AP* 15.40 (**Anexo A**) buscaram sobretudo as relações entre esse texto e as suas fontes clássicas, em especial Homero e Hesíodo,³¹ ou com a antiga literatura indo-europeia.³² Embora a fonte mais direta do epigrama seja o *Evangelho de João* (11), como é sabido o único que explicitamente narra dito milagre, nenhum estudo, ao que sabemos, concedeu atenção aos paralelos e contrastes

26 Prieto Domínguez 2009, 227-228.

27 Hunger 1978, 98-107.

28 O caso concreto de *ABV* 7, não copiado na primeira recensão de **P**, toma como base não os poemas de Homero, mas os *Posthomérica* de Quinto de Esmirna (séc. III-IV).

29 Apud Waltz (1929) 2002, 5.

30 Apud Waltz (1929) 2002, 6.

31 Floyd 1998.

32 Floyd 1999.

com o texto do evangelho e as demais reescritas bizantinas antes referidas e que se apresentam como fontes possíveis da versão de Cometas, sobretudo a *Paráfrase do Evangelho de João* de Nono (séc. IV-V) e o poema de Eudócia.

O poema, reescrito na métrica e na fraseologia Homéricas de uma cena muito particular dos Evangelhos, constituiu desse modo um esforço de erudição sobre um texto formalmente pouco erudito, ambiguidade na qual se deve basear todo e qualquer comentário ao texto que se queira conciliador. Se Cometas merece ser reconhecido como representante de um grupo de poetas tardios que perseguem a recuperação da técnica centonária, ainda na segunda metade do século IX, há que lembrar que, para ele, Homero seria apenas uma entre várias fontes, ao seu tempo verdadeiros clássicos da literatura cristã helenizante, como sejam Nono ou Eudócia. A ser assim, não fica sequer claro se os empréstimos mais evidentes de Homero – e, no seu caso, em exclusivo da *Iliada* – foram colhidos diretamente do *original*, ou de outro poema centonário que reescrevia já os Evangelhos, embora o uso textual que faz do hipertexto épico, aliado a toda uma carreira filológica a ele dedicada, sugiram sem certezas a primeira hipótese.

A primeira conclusão decorrente do confronto com o *Evangelho* (mais concretamente os versículos 11.11-44) prende-se com a estrutura de ambos os relatos. A versão prosaica do evangelista obedece a uma ordem temporal linear que em nenhum momento rompe a focalização no tempo e no espaço em que se move Jesus: o comunicado da notícia da morte de Lázaro (11.1-4), o anúncio do propósito de regressar à Judeia para salvá-lo (11.7-17) e todo o desenrolar da cena na Betânia (11.18-44). Em Cometas, ao invés, a narrativa oscila inicialmente entre dois espaços temporalmente simultâneos (‘Οππότε [1] ... πινυτοῖσι [3] ... ἀλλ’ ἄνεω μὲν ἔκειτο μεμυκῶς [6]), esse que partilha Jesus com os discípulos (vv. 1-32) e esse outro, da Betânia, onde vai por fim desenrolar-se o episódio da ressurreição, que no poema ocupa um número relativamente escasso de 20 versos (vv. 38-57). Temporalmente, portanto, são assimilados dois tempos distintos: o presente narrativo e o pretérito da morte e do luto por Lázaro, na Betânia.

Mais do que consequência da reescrita poética (necessariamente mais breve) de um episódio em prosa, relaciona-se esta evidência com o principal propósito da versão de Cometas, o qual não se deteta, por exemplo, na paráfrase de Nono,

que gasta um total de 180 versos em contar o que conta Cometas em apenas 57: a concentração dramática da cena na esfera familiar (com as irmãs de Lázaro e os discípulos apenas), por via da eliminação do coletivo dos Judeus, presente tanto no hipertexto do evangelista (πολλοὶ δὲ ἐκ τῶν Ἰουδαίων ἐληλύθεισαν 11.19; ἔλεγον οὖν οἱ Ἰουδαῖοι 11.36) quanto nas versões de Nono (e.g. λαοὶ δ' οἱ τινες ἦσαν 11.98) e Eudócia. No caso da última, recorre, sem alterações, ao verso 468 do canto II da *Iliada* (μυρῖοι, ὄσσα τε φύλλα καὶ ἄνθεα γίγνεται ὄρη),³³ o conhecido símile da multidão de homens semelhantes às folhas e às flores. Em consequência, tampouco lemos na versão de Cometas qualquer referência ao perigo real que constituía o regresso de Jesus à Judeia, assunto que no *Evangelho* é determinante na parte final do capítulo (11.45-57) e para o qual o advertiam já os discípulos antes de iniciar a viagem (11.8-10). Parece que o poeta epigramático não está disposto a incluir nenhum detalhe que o desvie da grandeza do milagre que pretende relatar, nenhum tipo de implicação social ou política associada a esse prodígio.

A outro nível, dita concentração dramática, dada entre outros aspetos pela redução do número dos intervenientes no episódio, é uma realidade com concretização intersemiótica. L. Brubaker³⁴ comentou a iluminura de um manuscrito do século IX das *Homilias* de Gregório de Nazianzo – mais ou menos contemporâneo de *AP* 15.40, portanto (**Fig. 1**) – na qual se aprecia, em quadro sinóptico compartilhado com o episódio da ceia em casa de Simão (à direita), o momento da ressurreição de Lázaro (à esquerda), composição gráfica na qual apenas intervêm Jesus, o defunto (já devolvido à vida e saindo da gruta) e as irmãs Maria e Marta, prostradas abraçando os joelhos do mestre. Comentando o pormenor do tamanho das irmãs de dita iluminura – excepcionalmente em tamanho natural, diz, quando o comum ao tempo era serem representadas com dimensões inferiores às de Jesus e dos discípulos – a autora apresenta e reproduz o exemplo do fólio 1r dos *Evangelhos de Rossano* (*Codex purpureus Rossanensis* = **Fig. 2**), do século VI, no qual – aí sim de acordo com a tradição iconográfica do tempo – elas surgem em tamanho reduzido.³⁵ No último caso, podem vislumbrar-se, além de Cristo, as

33 O texto da *Iliada* é citado pelos dois primeiros volumes de Monro³ (1920) 1962.

34 Brubaker 1999, 79-82.

35 Brubaker 1999, 81-82.

irmãs e Lázaro (personagens essenciais para a identificação da cena), a totalidade dos 12 discípulos e ainda outra figura masculina que, tapando o nariz e a boca com as vestes, acompanha o defunto ressuscitado que sai da gruta.

Outra particularidade significativa, e com consequências interpretativas em relação à estrutura narrativa do hipertexto bíblico, consiste na separação das irmãs Maria e Marta, indo esta ao encontro de Jesus (*Jo.* 11.20-27) para de seguida avisar a irmã (*Jo.* 11.28), o que provoca uma repetição da queixa pela ausência de Cristo (*Jo.* 11.21; 11.32), que de contrário poderia ter evitado a morte de Lázaro. No epigrama, ao invés, Jesus e as irmãs do defunto apenas coincidem junto ao túmulo (vv. 38 et seq.), o quadro final do episódio, transformando-se as queixas de Marta e Maria num desafio prospetivo – com a mirada no futuro e não no passado – que aporta ao texto uma noção agónica:

εἰ γὰρ τῆδε ἔησθα, ἀναξ νεκάδων Ἀιδωνεύς
οὔποτ' ἔτλη μείναι, ἐπεὶ ἦ πολὺ φέρτατος ἦσθα
ἀλλὰ καὶ ὡς ἐθέλων δύνασαι πάλιν αὐτὸν ἐγεῖραι.³⁶

Textualmente, o segundo hemistíquio do v. 44 (ἐπεὶ ἦ πολὺ φέρτατος ἦσθα) recorda a posição semelhante de *Il.* 1.169 (ἐπεὶ πολὺ φέρτατος ἐστίν), onde a fórmula é aplicada à decisão de Aquiles de abandonar o combate e regressar a casa. A formulação deste desafio podia já ler-se, de resto, em três versos da obra de Eudócia:

ἀλλ' εἴ τοι φίλος ἐστί, τεὸν δ' ὀλοφύρεται ἦτορ,
ἀλλὰ σύ γ' ὄρνυθι τοῦτον, ἐπειγέσθω δὲ καὶ αὐτός
ζῶδες ἐών· νῦν αὖ θάνατος καὶ μοῖρα κιχάνει.³⁷

Se de verdade o amas e se ressentiste o teu coração,
ergue-o agora tu, e que por si mesmo se apresse
a voltar à vida. Por agora, encontrou a morte e o destino.

O certo é que o desafio de Cometas soa mais pessoal. As irmãs (em plural, já que o epigrama não identifica quem profere as palavras) recordam ao que esperam que seja seu intermediário com a morte, mais além do amor que o une ao defunto

36 *AP* 15.40.43-45.

37 Eudoc. 1243-1245 = *Il.* 16.450; 6.343; 17.478. Eudócia usa os versos da *Iliada* sem alterações, apenas eliminando o que seria a pergunta do original depois de ζῶδες ἐών· Seguimos a edição de Usher (1999).

(Λάζαρον, ὃν φιλέεσκες, v. 42), uma glória passada sua, o ter vencido o senhor dos mortos (ἄναξ νεκράδων Αἰδωνεύς, v. 43). A razão do milagre deixa de ser o amor filial para se centrar na resposta a uma contenda, questão de honra pessoal. Como um atleta que a todo o momento tenta superar-se a si mesmo, as palavras de Maria e Marta são para Jesus o desafio que o impelirá ao seu derradeiro e mais visível milagre, o de vencer a morte antes de ele mesmo a ela se entregar. Todas estas leituras, possíveis tanto na contemporaneidade quanto ao tempo do poeta, podem contribuir para o tema da busca por parte de Jesus de uma glória que, antes de ser do Pai, é pessoal – assunto que poderia ajudar a explicar as acusações de heterodoxia que sofrera o poeta e a mesma antipatia da parte do escriba **J** do *Palatinus* (vide supra, capítulo 1).

É na transição entre os dois espaços narrativos do poema, ao relatar a viagem de Jesus com os discípulos à Betânia, que se lê um dos passos mais Homéricos do epigrama, cinco versos (vv. 33-37) que atualizam o símile da multidão comparada a um enxame de abelhas, dois dos quais colhidos *ipsis verbis* da *Iliada* (vv. 35-36 = *Il.* 2.87-88: ἡὔτε ἔθνεα εἴσι μελισσάων ἀδινάων/ πέτρης ἐκ γλαφυρῆς αἰεὶ νέον ἐρχομενάων). Se fica garantida a identificação do poema Homérico como fonte direta, há que admitir que é forçada a relação de um coletivo de 12 discípulos com a multidão de guerreiros a que se reportava o poema épico. Recordemos que já Eudócia recorrera a um símile semelhante – no seu caso o que compara é a multidão às folhas e às flores da melhor estação, para descrever o momento em que Jesus se dirige ao túmulo de Lázaro (τοὶ δ' ἄμ' ἔποντο/ μυρίοι, ὅσά τε φύλλα καὶ ἄνθηα γίγνεται ὥρη, vv. 1267-1268 = *Il.* 12.251; 2.468) –, e facilmente compreendemos como tais incongruências semânticas são concessões necessárias do género dos homerocentões a que se reporta o poeta.³⁸ No que a símiles diz respeito, recurso da clara preferência do poeta, há ainda que assinalar esse outro, anterior (vv. 23-24), que na verdade consiste na fusão de dois símiles breves Homéricos (*Il.* 1.249; 3.222)³⁹ para indicar a doçura

38 Outro caso seria o da manutenção da onomástica grega, frequente tanto no poema de Eudócia como no epigrama de Cometas. Por isso se lê, no último, Érebo ou Aídoueu, e se interpreta Inferno e Diabo, como também o substantivo comum *theios* passa a definir o Deus maiusculizado dos Cristãos.

39 Se o segundo verso é usado por Cometas sem qualquer alteração (καὶ ἔπεια νηφάδεσσιν εὐκότα χεῖμερῆσιν, v. 24 = *Il.* 3.222), no primeiro deteta-se o arranjo gramatical do relativo inicial (para concordar com o referente em causa, os discípulos, quando na *Iliada* se tratava de Nestor) e a inversão da ordem de *μελιτος γλυκίων* (ὦν καὶ ἀπὸ γλώσσης γλυκίων μελιτος βέεν ἀδῆ, v. 23; τοῦ καὶ ἀπὸ γλώσσης μελιτος γλυκίων βέεν ἀδῆ, *Il.* 1.249). O verso 23 do epigrama afigura-se, deste modo, como um exemplo claro de acomodação gramatical no processo de

de mel das palavras dos discípulos (v. 23), no verso seguinte ditas “semelhantes a flocos de neve” (v. 24).⁴⁰ Ambos os arquétipos de Nestor e Ulisses, símbolos um do bom conselho, o outro mais da astúcia engenhosa, ficam assim implícitos no símile mais extenso que, à maneira dos centões, compõe Cometas. Adiante (v. 27 = *Il.* 7.349), Cristo fala na primeira pessoa e parafraseia o segundo verso do discurso de Antenor perante a assembleia dos Troianos. Partilham estas três ocorrências *ipsis verbis* de hexâmetros Homéricos, iliádicos todos, um mesmo propósito de reforçar a erudição argumentativa, tanto a de Cristo como a dos discípulos. Mais, ao passo que os três modelos Homéricos da arte retórica falham os seus objetivos, o Jesus de Cometas é bem-sucedido, um motivo mais para a glória triunfante que será a de Jesus ao perpetrar tal milagre. Parece que, a par dos problemas que revela com a métrica e a prosódia, Cometas se revela um hábil manipulador do protótipo Homérico.

Outro caso é o quadro de lamento das irmãs pela morte de Lázaro (vv. 9-15), construído como desenvolvimento lexical e semântico de *Il.* 16.856 (ψυχῆ δ' ἐκ ῥεθέων πταμένη Ἄϊδος δὲ βεβήκει = *Il.* 22.362), a descrição do momento em que a alma de Pátroclo abandona o seu corpo morto.⁴¹ A imagem é recuperada adiante no verso 28, da responsabilidade de Cometas (ὄθι Λάζαρον ἔλλιπε θυμός), que desenvolve a metáfora do verso seguinte da *Iliada* (ὄν πρότμον γόωσα, λιποῦσ' ἀνδροτῆτα καὶ ἥβην, *Il.* 16.857), a alma a chorar por abandonar tão belo e valente herói. No epigrama, são ambas as irmãs o sujeito feminino plural do mesmo participio verbal do modelo Homérico (τοῦ πρότμον γόωσαι, v. 14), e o mesmo termo ψυχῆ, que no verso 8 era sujeito, volta a usar-se gramaticalmente diversificado nos versos 12-13 (ψυχῆς γὰρ φιλέεσκον ἀδελφεόν, ὅστις ἔκειτο/ μεσσόθι ἐν νεκάδεσσιν ἀκήριος, ἄψυχος αὖτως), referindo-se o primeiro à origem da dor das irmãs para depois, na forma privativa, designar o estado do defunto.

O que se pretende construir é, afinal, a assimilação de Lázaro a um herói

composição centonária (cf. Usher 1998, 37, a propósito de Eudócia), e ousaríamos afirmar que a mudança de ordem de palavras assinalada não deve ser da responsabilidade de Cometas, antes assim as terá encontrado na cópia que possuía da *Iliada*.

40 Floyd (1999, 189-190) supõe que Cometas tem implícito o epíteto ἥδυεπής. A outro nível, “from a perspective of context rather than vocabulary” (189), diz preferir conceber a influência de Hesíodo (ἥδυεπειαι/ Μοῦσαι Ὀλυμπιάδες *Tb.* 965-966 = 1021-1022).

41 Apud Floyd 1999, 196. No verso 4, porém, composto por Cometas e não colhido em Homero, a morte de Lázaro é dita pela imagem mais cara ao Cristianismo da luz do sol que abandona os olhos do indivíduo (Λάζαρος ἄμμι φίλος φάος ἔλλιπεν ἠελίοιο).

Homérico morto no campo de batalha, ao qual apenas um super-herói – e usamos a palavra na sua aceção clássica de *deus* ou *imortal* – poderá devolver a vida. Mas um paralelo mais direto pode estabelecer-se com o par iliádico Aquiles e Pátroclo, símbolos tanto do heroísmo guerreiro da Grécia quanto – desde bastante cedo e muito particularmente a partir do período helenístico – lidos como par romântico de destino trágico.⁴² De semelhante dualidade era feita a relação entre Jesus e Lázaro na tradição cristã, fé e amor filial, e nela insiste já a versão de João (ὄν φιλεῖς ἀσθενεῖ, 11.3; ἡγάπα δὲ ὁ Ἰησοῦς τὴν Μάρθαν καὶ τὴν ἀδελφὴν αὐτῆς καὶ τὸν Λάζαρον, 11.5). Cometas parece interessado em sublinhar o tema do amor de Jesus por Lázaro (Λάζαρος ἄμμι φίλος, v. 4; φίλον ἄμόν, v. 30; Λάζαρον, ὄν φιλέσκαες, v. 42), sobretudo tendo em conta a pouca extensão do relato epigramático, quando comparado com a prosa de João. Como a morte de Pátroclo foi decisiva para que Aquiles regressasse ao combate e mostrasse todo o seu poder guerreiro, também a morte e ressurreição de Lázaro representam o milagre derradeiro, a última prova de Jesus antes de regressar ao Pai.

Já o poema de Eudócia permite semelhante assimilação ao par Homérico, ao referir-se por duas vezes a Pátroclo como φίλος ἑταῖρος (v. 1237 = *Il.* 17.642; v. 1260 = *Il.* 22.390), no primeiro caso quando os Argivos receíam contar a notícia da morte do jovem herói a Aquiles, no segundo quando este, imediatamente antes de matar Heitor, lembra a todos o nome que motivou a sua vingança. E também quando, para o detalhe estranhamente omitido por Cometas mas tão comentado do evangelho do choro de Jesus (ἐδάκρυσεν ὁ Ἰησοῦς, *Jo.* 11.35), recolhe um hexâmetro da *Iliada* que descreve o pranto de Aquiles antes de atear fogo à pira de Pátroclo (ὄμωξέν τ' ἄρ' ἔπειτα, φίλον δ' ὄνόμηγεν ἑταῖρον, v. 1272 = *Il.* 23.178). O que estamos a afirmar é que, ainda que a ideia para essa *híper-acomodação semântica*⁴³ entre os dois pares

42 Sobre a tradição antiga da interpretação homoerótica da relação entre Aquiles e Pátroclo, vide Sanz Morales et Laguna Mariscal 2003; Laguna Mariscal et Sanz Morales 2005.

43 Usher (1998, 35-56) estabeleceu e desenvolveu, com exemplos do poema de Eudócia, os conceitos operativos de *acomodaçãõ gramatical* e *acomodaçãõ semântica* – na realidade já preconizados por Lamacchia (1958, respetivamente, págs. 201 e 209), que falava de “variare la formula” e de “alterazioni di significato” –, as partes fundamentais do processo de seleção e organização das linhas Homéricas no contexto de um novo poema centonário. Adiante, estudou por via do exemplo da versão da imperatriz para o episódio da Anunciação (vv. 202-268) o princípio de adaptação a uma *cena-tipo* da épica de um episódio da tradição bíblica. Cometas vai um passo mais além – como já o fizera a imperatriz – a propósito do quadro de lamento do defunto que ainda agora analisávamos, transformando-o no lamento de um herói e, desse modo, introduzindo com arte, logo de início, o tema agónico edificante de todo o epigrama. A ser assim, estamos a falar de algo mais do que a utilização de uma cena-tipo de Homero, porquanto, no caso, se trata de conceder a todo o episódio uma leitura distinta da tradicional. É esse processo que designamos, no seguimento do trabalho de Usher, de *híper-acomodaçãõ semântica*.

românticos possa não ser original de Cometas, é notável como soube desenvolvê-la simbólica e semanticamente ao longo do epigrama, cuja maioria dos versos são não empréstimos de Homero mas da sua própria forja. Um texto que aposta todos os esforços no heroísmo de Jesus – talvez por isso, não se pode permitir as lágrimas –, tarefa auxiliada pela paralela humanização de Lázaro, ele que, por sua vez, não merece a metáfora do sono (*Jo.* 11.11-13), ao mesmo tempo que não se desperdiça o pormenor muito humano do cadáver que já fede (*v.* 54; *Jo.* 11.39), corrompido pela morte. Ambos os detalhes, há que dizê-lo, não constam da versão de Eudócia.

Cometas, ou a *vanglória* de Cristo segundo Homero

O poema fecha com o tema da glória imortal (*κλέος ἄφθιτον*, vv. 29; 57), cuja principal fonte tem corretamente sido identificada com *Il.* 9.413 (*ὄλετο μὲν μοι νόστος, ἀτὰρ κλέος ἄφθιτον ἔσται*).⁴⁴ Não obstante, o verso de Cometas (*καὶ κλέος ἄφθιτον ἔσχε πατὴρ μέγας υἱὸς ἔηρος*) é demasiado distinto do da *Iliada*, parte do momento em que Aquiles conta o destino que lhe predissera sua mãe:

μήτηρ γάρ τέ μέ φησι θεὰ Θέτις ἀργυρόπεζα
 διγθαδίας κῆρας φερέμεν θανάτοιο τέλος δέ.
 εἰ μὲν κ' αὔθι μένων Τρώων πόλιν ἀμφιμάχωμαι,
 ὄλετο μὲν μοι νόστος, ἀτὰρ κλέος ἄφθιτον ἔσται·
 εἰ δέ κεν οἴκαδ' ἵκωμι φίλην ἐς πατρίδα γαῖαν,
 ὄλετό μοι κλέος ἐσθλόν, ἐπὶ δὴρὸν δέ μοι αἰὼν
 ἔσσεται, οὐδέ κέ μ' ὄκα τέλος θανάτοιο κιχέη.⁴⁵

A minha mãe, a deusa Tétis de pés prateados, disse-me que duas são as parcas que me levam ao termo da morte: se permanecer aqui para o assalto à cidade dos Troianos, morre o meu retorno, mas terei fama que não morrerá; se, porém, regressar a casa, para a terra pátria querida, morre a minha fama gloriosa, mas terei vida longa, e o termo da morte não me achará rapidamente.

44 Foi Kuhn (1853, 467) quem primeiro associou a fórmula à sua correspondente veda *śrávas ... áksitam* (*Rig-Veda* 1.9.7), sustentando que ambas dependeriam de um ancestral indo-europeu comum. Para o estado de arte da questão e sua revisão, vide Volk 2002.

45 *Il.* 9.410-416.

Contrariamente ao que considerava Floyd, para quem a ausência de um poder divino superior ao de Aquiles, no original, não sugeria o passo Homérico como fonte de Cometas,⁴⁶ pensamos que ambos, o herói iliádico e o Jesus do Gramático, partilham um mesmo carácter heroico. São heróis de pleno sentido que buscam não apenas a fama, mas uma glória imortal que, talvez marca do excesso de ambos, deveria ser apanágio exclusivo dos deuses (ou de Deus, no caso). Uma vez mais, portanto, a *híper-acomodação semântica* que acima desenvolvemos está ao serviço do heroísmo de Jesus, ele que é apresentado como um Aquiles quase sem sentimentos, um ser sobre-humano que age movido apenas pela busca da mesma κλέος que também perseguia Aquiles. Como tal, embora Cometas apenas use a expressão, não o verso inteiro, não é descabido pensar que a tenha conscientemente colhido desse ponto do poema Homérico.

Certa parece estar a intenção do bizantino de humanizar *desumanizando* Cristo, *sobre-humanizando-o* melhor dito, o que pode não ter tido bom acolhimento por parte da elite intelectual mais ortodoxa dos séculos IX e X. Como se disse no início deste trabalho, atribuíram-se a interpretações de heterodoxia e possível paganismo as origens do comentário em iâmbico satírico do copista J,⁴⁷ o mesmo que Cameron identificou com Constantino Ródio (algures no segundo quartel do século X).⁴⁸ Mas que aspetos podem ter sido alvo desse tipo de leitura, outros além do da *sobre-humanização* de Jesus? De que dados dispomos, numa palavra, que avaliem a heterodoxia do poeta?

O contexto intelectual de Cometas tinha à cabeça Leão, dito o Matemático. Este bispo de Constantinopla, por muitos considerado o homem mais inteligente de Bizâncio no século IX, era desde 855 e ao tempo do ingresso de Cometas como mestre de gramática, diretor da Escola de Magnaura, pelo que uma relação de proximidade é mais do que verosímil. E não faltam testemunhos dos ataques que recebeu Leão da parte da ortodoxia mais estrita,⁴⁹ a ele que era de facto iconoclasta e que, com o final da Iconoclastia em 843, perdeu preponderância em Constantinopla.

46 Floyd 1999, 192: “At least with respect to the divine source of κλέος φθιτον, this passage is more like *Rig-Veda* 1.9.7 than the Homeric pattern seen in *Iliad* 9.413, in which no divinity is specified as the source of Achilles’ potentially undying fame, but rather his own prowess, celebrated in song, will ensure this”.

47 Cf. Prieto Domínguez 2009, 209.

48 Cameron 1993, 309-310.

49 Os testemunhos de acusações recebidas por intelectuais como Leão podem ler-se em Senina 2016.

É por isso possível que o epigrama, como antes sugerimos publicado já numa fase tardia da vida do poeta, tenha recebido semelhante condenação dentro das elites ortodoxas, o que pode ter sido aproveitado por uma rivalidade entre escolas como a que sugeriu Cameron.⁵⁰ Mais, que a polémica ao seu redor, provavelmente acesa ainda ao tempo da coleção de Céfalas, tenha sido precisamente o que motivou a sua inclusão nesse florilégio, assim como o ataque poético (e Homérico) do copista J.

Se os 57 hexâmetros pretensamente Homéricos sobre Lázaro não são exemplo de uma pérola poética, pensamos ter demonstrado o interesse genológico desse epigrama, exemplo tardio, último mesmo, do homerocentão cristão. Em termos literários, não obstante, Cometas soube dotar os seus personagens, e Cristo em particular, de uma caracterização verdadeiramente Homérica, fazendo com isso mais do que uma reescrita do episódio bíblico narrado por João. O seu trabalho consiste mais numa reinterpretação pela *re-significação* de diversos elementos narrativos, concorrendo todo eles para a *híper-acomodação semântica* que referimos, que transforma Jesus e Lázaro no novo par romântico que fora Aquiles e Pátroclo.

50 Cameron 1993, 309-310.

Anexo A: AP 15.40: texto e tradução

| | |
|--|----|
| Ἵπότε Παμμεδέοντος εἰς πάις, ὄρχαμος ἀνδρῶν, | 1 |
| δς πᾶσι θνητοῖσι καὶ ἀθανάτοισιν ἀνάσσει, | |
| ἀσπάλιευῶσιν ἕειπε μαθητῆσιν πινυτοῖσι· | |
| “Λάζαρος ἄμμι φίλος φάος ἔλλιπεν ἡλιόιο | |
| οὔποτε, τόφρα κέκευθε τεθρήμερον ἄπλετος αἶα.” | 5 |
| ἀλλ’ ἄνεω μὲν ἔκειτο μεμυκῶς χεῖλεα σιγῆ | |
| σῶμά τε πυθόμενος καὶ ὁστέα καὶ χροά καλόν, | |
| ψυχῆ δ’ ἐκ βεθέων παταμένη Ἰαῖδόςδε κατῆλθεν, | |
| ἄρρητον δὲ φίλοισι γόνον καὶ πένθος ἔθηκεν, | 10 |
| ἐκ πάντων δὲ μάλιστα Μάρθη Μαρίη τε ὁμαίμοις | |
| αὐτοκασιγνήταις· | 11 |
| ψυχῆς γὰρ φιλέεσκον ἀδελφεόν, ὅστις ἔκειτο | |
| μεσσόθι ἐν νεκάδεσσι ἀκήριος, ἄψυχος αὐτως. | |
| τοῦ πότμον γούωσαι ὀδυρόμεναί τε ἐθρήνευ | |
| σήματος ἔκτοθι οὔσαι καὶ ἔζόμεναί περὶ τύμβῳ. | 15 |
| ὄφρα μὲν ἡέλιος τρίτον ἤνυσεν ἤμαρ ἐς αἶαν, | |
| τόφρα δὲ κἂν νεκάδεσσι ἐτήκετο Λάζαρος ἄπνους· | |
| ἀλλ’ ὅτε δὴ τετράτη ῥοδοειδῆς ἤλυθεν ἡώς, | |
| καὶ τότε δὴ προσέειπε θεοῖο πάις μεγάλιο | |
| εὐπατρίδῃσι φίλοισι, οἳ παρ θεοῦ ἐκγεγάαντο, | 20 |
| οἳ πέρι μὲν βουλή μερόπων, πέρι δ’ ἦον ἀπάντων, | |
| οὓς ἔκπαγλ’ ἐφίλησ’ ὡσεὶ θεοῦ υἱας ἐόντας, | |
| ὧν καὶ ἀπὸ γλώσσης γλυκίων μελιτος ῥέεν αὐδῆ | |
| καὶ ἔπεα νιφάδεσσι εὐοικότα χεῖμερήσιν· | |
| “Ὡ φίλοι ἀγλαόθυμοι, ἐπεὶ θεὸς ἐστὶ σὺν ἄμμι | 25 |
| κέκλυτέ μευ πάντες τε ὅσοι θεὸν ἔνδον ἔχοιτε, | |
| ὄφρ’ εἶπω τά με θυμὸς ἐνὶ στήθεσσι κελεύει· | |
| δεῦτ’ ἐς Βηθανίην, ὅθι Λάζαρον ἔλλιπε θυμὸς, | |
| σπεύσομεν ὅττι τάχιστ’, ὄφρα κλέος ἀφθιτον ἴσχω | |
| ἀνστήσαι γὰρ ἔπειμι καὶ ἐξ Ἑρέβους φίλον ἀμόν.” | 30 |
| τὸν δ’ αὖτε προσέειπον εὐήγορος ἀγλαόθυμοι· | |
| “Ἴομεν, ὡς ἐκέλευσας, ἀλλήγικε πατὴρὸς ἐοῖο.” | |
| εἶπον δ’ οὗτ’ αὐτὸς ἔβαινε καὶ ἡγεμόνευε μαθηταῖς. | |
| σπερχόμενοι δ’ εἶποντο μετ’ Ἴχνια Παμμεδέοντος, | |
| ἡύτε ἔθνεα εἶσι μελισσῶν ἀδινάων | 35 |

5 κέκευθε Boissonade. ἔκευθε P
20 φίλοισι Jacobs φίλοισιν P
29 τάχιστ’ Jacobs τάχιστα P

6 ἀλλ’ ἄνεω Paton ἀλλ’ ἀκέων Jacobs ἀλλὰ νέον P
22 ἐφίλησ’ Jacobs – ἦσεν P θεοῦ Jacobs θεοῦς P
31 προσέειπον edd. προσέειπε προσέειπεν P¹

17 κἂν Schäfer καὶ P
28 Βηθανίην Jacobs Βιθ- P

| | |
|---|--------------------|
| Quando o bom filho do Todo-Poderoso, pastor de homens, o que sobre quantos mortais e imortais há exerce poder, disse aos pescadores, os seus muito sábios discípulos “Lázaro, o nosso amigo, a luz do sol não o abandonou ainda, mas há já quatro dias que o cobre a terra imensa”, | 1 5 |
| estava ele ainda jazente, de lábios cerrados pelo silêncio, o corpo, os ossos e a sua bela pele em decomposição, e a alma, esvoaçando dos membros, atingira já o Hades, causando dor impronunciável e pranto aos que o amavam, em especial a Marta e Maria, suas irmãs de sangue: | 10+11 |
| com a alma amavam este irmão que agora se encontrava entre os mortos, como eles livre de sofrimento e sem vida. Entre prantos e gemidos lamentavam o seu destino, permanecendo fora da gruta, sentadas junto ao túmulo. | 15 |
| Pela hora em que o sol inicia a terceira viagem pela terra, já Lázaro, sem vida, se decompunha entre os mortos. Porém, ao romper da quarta aurora de róseo aspeto, o Filho do magnânimo Deus então se dirigiu aos seus muito nobres amigos de origem divina, | 20 |
| superiores a todos os mortais pela sua vontade, que ele tanto amava como filhos de Deus que eram, de cuja língua fluía uma voz mais doce do que o mel ⁵¹ e cujas palavras pareciam flocos de neve inverniais ⁵² : | 25 |
| “Amigos de nobre coração! Posto que Deus está entre nós, escutai-me todos, vós que levais a Deus na alma, para que diga o que no fundo do peito me ordena o coração ⁵³ . Para a Betânia, onde o espírito abandonou Lázaro, vamos quanto antes, e que eu consiga glória imortal! | 30 |
| Estou a ponto de levantar do próprio Érebo ⁵⁴ o meu amigo.” Isto responderam esses homens valentes e de nobre coração: “Vamos pois, como tu ordenas, ó semelhante a teu Pai!” Assim falaram. E ele pôs-se a caminho, guiando os discípulos. A toda a pressa seguiram no encalce do Todo-Poderoso, – feito os enxames compactos de abelhas que se lançam | 35 |

51 V. 23 = *Iliada* 1.249.

52 V. 24 = *Iliada* 3.222, 7.68, 7.369, 8.6; *Odisseia* 7.187, [8.27], 17.469, 18.352, [21.276]; Hes. *Th.* 641, fr. 75.14 M-W.

53 V. 27 = *Iliada* 7.349.

54 Filho do Caos, Érebo era para os Gregos a personificação das trevas.

| | |
|---|----|
| πέτρης ἐκ γλαφυρῆς αἰεὶ νέον ἐρχομενάων ὧς εἶποντο ὄπισθε θεοῦ μεγάλιο μαθηταί. | 36 |
| ἀλλ' ὅτε δὴ ῥ' ἰκάνοντο πολυκλαύστῳ ἐπὶ τύμβῳ, καὶ τότε δὴ λίσσοντο κυλινδόμεναι παρὰ ποσσὶν Χριστὸν παμμεδέοντα κασίγνηταί τε ἔται τε | 40 |
| “Γουνοῦμεσθά σ', ἄναξ, ὃς ὑπέρτατα δώματα ναίεις, Λάζαρον, ὃν φιλέεσκες· ἐν ἔγκασιν ἤλυθεν Ἄιδου· εἰ γὰρ τῆδε ἔησθα, ἄναξ νεκράδων Ἄιδωνεύς οὔποτ' ἔτλη μείναι, ἐπεὶ ἤ πολὺ φέρτατος ἦσθα· ἀλλὰ καὶ ὧς ἐθέλων δύνασαι πάλιν αὐτὸν ἐγειραί.” | 45 |
| καὶ τότε δὴ ὕψιστος ἀμείβετο· “Ποῦ ποτε κεῖται;” αἱ δ' ἄρα ὀτραλέως ἀνὰ ἥριον ἤλυθον ἄρδην· δὴ τότε' ἐπεὶ δεῖξαν θεῶ αὐτὸν σῆμά τε λυγρόν, εἶπεν ἄρ'· “Ὀρμηθέντες ἀείρατε πῶμα τάφοιο.” | 50 |
| αὐτὰρ ἐπεὶ ἀνέωκτο τάφος λυγρὸς φθιμένιοιο, καὶ τότε δὴ μέγ' ἤυσε θεὸς μέγας ἠδὲ καὶ ἀνήρ· “Λάζαρε, δεῦρ' ἴθι, κλύθι ἐμεῖο καὶ ἔρχεο ἔξω.” ὧς οὖν νεκρὸς ἤκουσε θεοῖο Λόγου φήσαντος, λυσιμελῆς ἀνέδῳ, πεπεδημένος, ἔμπνους, ὀδωδῶς· τὸν καὶ ἰδόντες ἄμιλοι ἐθάμβεον ἐν κραδίησιν, αὐτίκα δ' ὕψιμέδοντα ἐκύδαινον θεὸν ἐσθλόν, καὶ κλέος ἄφθιτον ἔσχε πατήρ μέγας υἱὸς ἔῃος. | 55 |

de uma côncava rocha, saindo sempre uma após a outra⁵⁵, 36
 assim os discípulos seguiam os passos do supremo Deus. –
 Quando chegaram ao túmulo, local de tanto pranto,
 a seus pés vieram prostrar-se as irmãs e os familiares
 do morto, que suplicavam a Cristo Todo-Poderoso: 40
 “Abraçamos-te os joelhos, Senhor que habitas as mansões celestes!
 Lázaro, o que tu tanto amas, partiu nos braços do Hades.
 De cá teres estado tu, o soberano dos mortos, Aidoneu,
 não teria ousado enfrentar-te, pois és de longe o mais poderoso;
 por isso, se assim o quiseres, serás capaz de o ressuscitar.” 45
 Isto lhes respondeu o Senhor das alturas: “Onde jaz ele?”
 Então elas, num ápice, dirigiram-se ao alto do sepulcro;
 quando mostraram ao Senhor esse túmulo tão infeliz,
 disse-lhes ele: “Rápido, levantai a pedra do túmulo!”
 Quando por fim o infeliz túmulo do defunto foi aberto, 50
 num grito disse esse grande Deus que se fez homem:
 “Lázaro, vem cá! Escuta a minha voz e sai cá para fora!”
 O morto, ao escutar a voz de Deus e a sua Palavra,
 saiu meio decomposto, atordoado, vivo mas fedorento.
 Ao vê-lo, os presentes maravilhavam-se em seus corações, 55
 dando graças ao piedoso Deus que governa as alturas,
 e o Pai supremo desse bom filho recebeu glória imortal.

55 Vv. 35-36 = *Iliada* 2.87-88.



Fig. 1:

Jesus ressuscita Lázaro. *Parisinus graecus* 510, fol. 196v (séc. IX).

Biblioteca Nacional de França, Paris. URL: ark:/12148/btv1b84522082 (todos os direitos em domínio público).



Fig. 2:

Jesus ressuscita Lázaro. *Codex purpureus Rossanensis*, fol. 1r (séc. VI). Museu Diocesano, Rossano.
URL: https://commons.wikimedia.org/wiki/Rossano_Gospels (todos os direitos em domínio público).

BIBLIOGRAFIA

- Aubretton, Robert. 1969. "La translittération d'Homère." *Byzantion* 39:13-34.
- Baldwin, Barry. 1985. "The Homeric scholarship of Cometás." *Hermes* 113 (1):127-128.
- Beckby, Hermann. ed. 1957-1965. *Anthologia Graeca*. 4 vols. München: De Gruyter.
- Brown, Peter. 1971. *The World of Late Antiquity*. New York: W. W. Norton.
- Brubaker, Leslie. 1999. *Vision and meaning in ninth-century Byzantium. Image as exegesis in the homilies of Gregory of Nazianzus*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Buffière, Félix. ed. (1970) 2002. *Anthologie Grecque*. Vol. 13, *Anthologie Palatine. Livres XIII-XV*. Paris: Les Belles Lettres.
- Cameron, Alan. 1993. *The Greek Anthology. From Meleager to Planudes*. Oxford: Oxford University Press.
- Cortassa, Guido. 1997. "Cometa e Pedizione di Omero in minuscula." *Prometheus* 33:49-50.
- Downey, Glanville. 1955. "Constantine the Rhodian: his life and writings". In *Late Classical and Mediaeval Studies in Honor of A. M. Friend, Jr.*, ed. K. Weitzmann, 212-221. Princeton: Princeton University Press.
- Floyd, Edwin D. 1998. "Homeric and Hesiodic allusions in Cometás *On Lazarus* (*Anth. Pal.* 15.40)." Read at the Byzantine Studies Conference. University of Kentucky, Lexington, November 5-8, 1998.
URL: <http://www.pitt.edu/~edfloyd/bsc98.html>.
- . 1999. "Cometas on Lazarus: a resurrection of Indo-European poetics?" In *Proceedings of the tenth annual UCLA Indo-European Conference*, eds. Karlene Jones-Bley, Martin H. Hald, et Miriam Robbins Dexter, 183-201. Los Angeles: Institute for the Study of Man.
- Hunger, Herbert. 1978. *Die hochsprachliche profane Literatur der Byzantiner*. Vol. 2. Munich: Verlag C. H. Beck.
- Kuhn, Adalbert. 1853. "Über die durch nasale erweiterten verbalstämme." *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung* 2:455-471.
- Laguna Mariscal, Gabriel, et Manuel Sanz Morales, 2005. "Was the relationship between Achilles and Patroclus homoerotic? The view of Apollonius Rhodius." *Hermes* 133:120-123.
- Lamacchia, Rosa. 1958. "Dall'arte alusiva al centone (a propósito di scuola di poesia e poesia di scuola)." *A&R* 4:193-216.
- Lemerle, Paul. 1971. *Le premier humanisme byzantin. Notes et remarques sur enseignement et culture à Byzance des origines au X^e siècle*. Paris: PUF.
- Ludwich, Arthur. ed. 1897. *Endociae Angustae, Procli Lycii, Claudiani Carminum Graecorum Reliquiae*. Leipzig: Teubner.
- Monro, David. B., et Thomas W. Allen, eds. (1920) 1962. *Homeri Opera. Tomus I-II*. Oxford: Oxford University Press.
- Paton, William Roger, ed. 1916-1918. *The Greek Anthology*. 5 vols. Cambridge, Mass.: Loeb Classical Library.
- Prieto Domínguez, Óscar. 2009. "Historia del centón griego." *CFC(G)* 19:217-232.
- . 2011. *De alieno nostrum: el centón profano en el mundo griego*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Sandnes, Karl Olav. 2011. *The Gospel 'According to Homer and Virgil'. Cento and Canon*. Leiden: Brill.
- Sanz Morales, Manuel, et Gabriel Laguna Mariscal 2003. "The relationship between Achilles and Patroclus according to Chariton of Aphrodisias." *CQ* 53 (1):292-295.

- Schembra, Rocco. ed. 2007. *Homerocentones*. Turnhout: Brepols.
- Senina, Tatiana A. 2016. "John the Grammarian and Leo the Mathematician as a target of orthodox critics: parallels and historical context." *Science Journal of Volgograd State University* 21 (5):102-112.
- Sowers, Brian P. 2008. *Eudocia: The Making of a Homeric Christian*. PhD Dissertation. University of Cincinnati.
- Usher, Mark David. 1997. "Prolegomenon to the Homeric Centos." *AJPb* 118:305-21.
- . 1998. *Homeric Stäcbings. The Homeric Centos of the Empress Eudocia*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.
- ed. 1999. *Homerocentones Eudociae Augustae*. Leipzig: Teubner.
- Varona Codeso, Patricia. 2009. *Miguel III (842-867). Construcción histórica y literaria de un reinado*. Madrid: Nueva Roma.
- Volk, Katharina. 2002. "Κλέος ἄφθιτον revisited." *CP* 97 (1):61-68.
- Waltz, Pierre. (1929) 2002. *Anthologie Grecque*. Vol. 1, *Anthologie Palatine. Livres I-IV*. Paris: Les Belles Lettres.